

# mudar a



publicação do graal

Publicação bimestral — 25\$00

## PARA UMA CULTURA VIVA

### O PROLONGAMENTO DA VIDA

Nas sociedades industriais, um homem de cinquenta anos pode razoavelmente esperar viver até aos setenta. Uma mulher, em condições análogas, tem uma esperança de vida de 78 anos. Isto são apenas médias, o que significa que numerosos serão aquelas e aqueles com probabilidades de atingirem os 80 anos e mais. Podemos imaginar que, por volta do ano 2000, os centenários não serão uma excepção.

Há alguns decénios, o fim da vida profissional coincide com o fim da existência, sobretudo nas camadas da sociedade cujas condições de trabalho, de habitação e de alimentação abreviavam a vida de um grande número. Nos nossos dias, o prolongamento da vida tende a tornar-se universal, embora se mantenham diferenças sectoriais decorrentes do género de trabalho, da taxa mais ou menos elevada de stress físico ou moral, do nível de poluição do meio ambiente.

Hoje, nas sociedades industrializadas, a maioria dos adultos abandona o trabalho profissional por volta dos 60 anos — por vezes antes — e vê estender-se diante de si um espaço de vida de uma vintena de anos. Não é utópico esperar que, em consequência da robotização, da melhoria das condições de higiene pública e privada, e do alargamento da segurança social, esse espaço se vá estendendo, até atingir, no limiar do próximo século, cerca de 30 anos.

As consequências desta redução do tempo de vida profissional são incalculáveis. Se tal tendência se mantiver, a profissão poderá vir a deixar de estar no centro da vida humana para dar lugar à ocupação dos tempos livres.

O problema-chave que se nos coloca é o de sabermos que fazer destas novas dimensões que nos são ofe-



PORTE PAGO

60.  
SETEMBRO/OUTUBRO 1986

- *um espaço de reflexão crítica sobre as correntes e movimentos sociais do nosso tempo*
- *um estímulo à criação de modelos alternativos de vida em sociedade*
- *um olhar de fé sobre o hoje e o amanhã da história que vivemos*



recidas. Como vamos utilizar este tempo liberto, de modo a evitar as ciladas do ócio e a procurar o máximo de satisfação compatível com a nossa situação de vida?

### REFERÊNCIAS CULTURAIS

Um dos domínios privilegiados da nossa realização enquanto pessoas é o da cultura, utilizando aqui o termo na plenitude da sua significação. Não nos referimos, pois, apenas à aquisição de um património de referências e conhecimentos — sejam eles de ordem literária, científica ou artística —, mas ao sentido mais amplo, conforme com a sua etimologia e com a sua utilização na agricultura. Para nós **cultura é o conjunto das experiências, das iniciativas, das técnicas e dos actos pelos quais um ser humano converte em acto aquilo que é em potência.**

Numa perspectiva filosófica, familiar a numerosas pesquisas contemporâneas, o acento é posto no **ser** (e especificamente no **ser-em-devir**). A sua relação com o **ter** é da mesma ordem que aquela que o corpo mantém com a nutrição: o alimento só se torna nutrição quando é absorvido por um organismo vivo do qual se torna parte integrante. Nesta perspectiva, é cultural toda a experiência vivida graças à qual desenvolvemos as nossas faculdades e as nossas capacidades: a de vermos e ouvirmos, a de nos exprimirmos e comunicarmos, a de pensarmos, sentirmos e imaginarmos.

Se aceitarmos esta interpretação da experiência cultural, reconhecemos que o essencial da nossa formação nos é fornecido pela vida.

Com efeito, contrariamente aos animais cujos descendentes atingem rapidamente a sua forma definitiva,

o ser humano permanece muito tempo, senão perpetuamente, «inacabado». Ele só atinge a plena forma física muito tarde na sua evolução, e quanto à sua forma intelectual e moral, é-lhe necessária toda uma vida para realizar — se é que alguma vez o consegue plenamente. Por isso a realização humana não pode ser medida em termos de resultados: o que conta é o conjunto dos processos empreendidos para que cada um realize, em si e por si, o seu projecto humano. A história de cada um é uma história original que não se confunde com nenhuma outra.

É a sucessão das idades com as suas contribuições específicas — a experiência familiar, a aprendizagem escolar, a profissão, as lutas individuais e colectivas, os êxitos e fracassos, as relações com os outros, os choques, a alternância entre momentos de exaltação e de depressão, de alegria e de tristeza, de expectativa e de resignação — é tudo isso que, fornecendo-nos ocasiões múltiplas para agir, nos proporciona também, em cada instante, matéria inesgotável de reflexão.

Complementarmente, a nossa formação estrutura-se através daquilo a que, num sentido mais restrito chamamos «cultura». Referimo-nos ao conjunto dos produ-

tos da criatividade humana — tanto os grandes conjuntos arquitecturais, os templos gregos, as igrejas romanas e barrocas, as obras de um Rembrandt ou de um Picasso, os concertos brandeburgueses ou as óperas de Wagner, como, num registo de arte menor (se é que há artistas menores) os móveis e os tecidos de artesãos geniais. Nesta cultura, os livros ocupam um lugar de eleição, na medida em que são maneáveis e se encontram constantemente à nossa disposição. Os grandes clássicos de cada literatura são companheiros fiéis e indispensáveis através de todas as etapas da vida, acompanhando e estimulando a nossa aventura cultural.

A medida que avançamos em idade e que ultrapassamos os períodos de actividade profissional ou de responsabilidades familiares, os laços com os vários domínios da cultura tomam uma importância sempre crescente. Ler, escutar ou, ainda melhor, tocar um instrumento, cantar num coro, percorrer cidades, visitar museus ou monumentos, tornam-se auxiliares insubstituíveis, não apenas para obstar ao aborrecimento sempre ameaçador, mas sobretudo para nos ajudarem a retirar deste período, em que o ritmo de vida se reduz, o máximo de realização possível.

## BUSCA INCANSÁVEL

*No seu sentido mais amplo, a cultura pode considerar-se hoje como o conjunto dos traços distintivos, espirituais e materiais, intelectuais e afectivos, que caracterizam uma sociedade ou um grupo social.*

*Ela engloba, além das artes e das letras, os modos de vida, os direitos fundamentais do ser humano, os sistemas de valores, as tradições e as crenças.*

*A cultura dá ao homem a capacidade de reflexão sobre si próprio.*

*É ela que faz de nós seres especificamente humanos, racionais, críticos e eticamente comprometidos.*

*É por ela que o homem se exprime, toma consciência de si mesmo, se reconhece como um projecto inacabado, põe em questão as suas próprias realizações, busca incansavelmente novas significações e cria obras que o transcendem.*

«Conférence mondiale sur les politiques culturelles», UNESCO, Paris, 1982.

## DIMENSÃO EDUCATIVA

Qualquer que seja a fase da vida em que nos encontremos, o problema educativo coloca-se-nos com força e amplitude.

A acção educativa distingue-se das outras componentes da vida cultural, de que faz parte integrante, pelos objectivos que lhe são próprios e pelos meios que utiliza. Enquanto, numa perspectiva global, a instrução e a formação são produtos subsidiários de outras experiências, na perspectiva da educação a formação converte-se em objectivo específico, reclamando actividades dirigidas, concertadas e organizadas.

É certo que, na maior parte dos sistemas de ensino

existentes, os objectivos educativos não são atingidos senão de maneira muito imperfeita. Acontece mesmo, frequentemente, que os resultados obtidos acabam por contrariar os fins visados.

Tal situação torna imperativa a introdução do conceito de educação permanente. O qualificativo «permanente» indica que a acção educativa não é a especialidade de um período da vida, o das primeiras idades — infância, depois adolescência e juventude —, mas que ela deve ser considerada como um processo contínuo que se desenrola sem interrupção através de todas as fases da vida.

Esta visão arriscar-se-ia a permanecer utópica se não tivéssemos à nossa disposição realizações parciais de educação dos adultos que tornam patente a sua

eficácia e oportunidade. Com efeito, existe, desde há já muitos anos, uma vasta rede de organismos através do mundo que asseguram a continuidade da acção iniciada na escola e prolongada em outros graus do sistema educativo. Estas instituições são particularmente amplas e vigorosas nos países escandinavos e anglo-saxónicos. Os métodos que utilizam renovam a prática pedagógica.

É a partir das realizações da educação dos adultos e apoiando-se nela que se tem desenvolvido grande parte da reflexão global sobre a natureza do problema educativo. As experiências feitas conduzem-nos à colocação de questões fundamentais que põem em causa o bem-fundado das teorias e práticas em vigor. O actual sistema educativo revela-se incapaz de preparar os

adultos para enfrentar com sucesso os desafios da sua existência e para levar uma vida conforme aos princípios e às exigências de uma «cultura viva».

Na perspectiva da educação permanente, o acento é colocado sobre a «aprendizagem». Não numa acepção restrita — a do período em que o jovem aprende num atelier os rudimentos de uma profissão —, mas como conjunto de todas as situações, todos os processos e métodos, pelos quais, de uma maneira sistemática uma pessoa toma posse de um saber, de um comportamento, ou de um saber-fazer. Foi neste sentido que Goethe utilizou o termo, ao intitular o seu romance de iniciação à vida «Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister».

## LIBERDADE DE CRIAÇÃO

*A maneira de o homem enfrentar o mundo para criar uma cultura distingue-o do animal que vive estritamente ligado ao seu meio e permanece, em virtude dos seus instintos, prisioneiro de limites que jamais pode ultrapassar.*

*O homem, inseguro nos seus instintos, pode, por ser dotado de razão, ultrapassar o horizonte do seu mundo natural, muito embora permaneça ainda prisioneiro da sua finitude. Esta possibilidade metafísica, caracterizada como transcendência do pensamento e da vontade humanos, culmina na liberdade de criação — mola secreta de toda a actividade cultural.*

*A solicitude pelo bem-estar corporal, pela ha-*

*bitação, por uma boa convivência e uma configuração do ambiente digna da natureza humana, impele o homem a sair da ordenação meramente finalista deste mundo e a imprimir-lhe a sua aspiração ao infinito, a inquietude que o atormenta e o faz ao mesmo tempo feliz.*

*O mundo cultural é, assim, um espelho de toda a vida do homem. A cultura surge como reflexo da aspiração superior do homem a ultrapassar-se pelas suas obras e pela sua criação.*

R. Scherer

in «O prazer de pensar»

Edições 70, 1986

## O TEMPO E O ESPAÇO

A ligação do tempo com a educação é substancial. O tempo está sempre presente, sempre em acção. Não é apenas uma dimensão da nossa experiência, mas o tecido mesmo no qual se desenrola o conjunto das nossas vivências. Entender o tempo significa entender o devir, perceber cada fenómeno na sua historicidade.

Como consequência, perceber a realidade de uma coisa, de um fenómeno, de uma vida, significa percebê-la na sua evolução, na regularidade de certas transformações, no carácter problemático de algumas das suas fases. O devir tem efeitos destruidores: os organismos, os sistemas, têm um tempo efémero, depois desaparecem. Mas tem também uma outra dimensão, igualmente omnipresente: é uma componente e um instrumento inevitável a qualquer processo de criação. É pelo tempo e no tempo que as coisas se tornam o que são.

Na base desta função do tempo, há um certo número de comportamentos que se impõem: pensar historicamente, quer dizer, introduzir o elemento dialéctico no universo da reflexão; tomar consciência de si mesmo como uma realidade histórica que, através da sucessão dos acontecimentos e das experiências, apre-

senta uma unidade orgânica; aceitar a mudança e participar na medida do possível nas acções que pretendem fazer acontecer as transformações indispensáveis.

Do mesmo modo, a nossa relação com o espaço é múltipla, complexa e em grande parte escapa à nossa vontade. Não depende de nós que a sorte nos tenha feito nascer na cidade ou no campo, numa região desenvolvida do globo ou numa aldeia africana. Também a nacionalidade nos é imposta e é praticamente inevitável que adoptemos as paixões e as aversões ligadas à nossa origem nacional. Duma maneira geral, os nossos modos de pensar e de sentir são comandados pela situação no espaço físico, económico e cultural em que nos encontramos inseridos.

Há, no entanto, um certo número de coordenadas espaciais da nossa vida em que a escolha e a decisão do indivíduo jogam um papel determinante. É nesses sectores que a acção educativa intervém.

No plano da vida pública, as preocupações de natureza educativa e cultural entram nas diversas categorias de acções realizadas nos quadros do urbanismo e do ordenamento do território. A construção de edifícios comemorativos, de lugares para encontros, de casas de cultura, de terrenos para desporto, de museus,

teatros, bibliotecas e de lugares de culto são disso bons exemplos.

A nível individual, cada um de nós é responsável pelos lugares que frequenta ou pelos sítios onde se desenvolvem as diversas esferas da vida quotidiana: a das relações familiares, a do trabalho, a dos tempos livres. A maneira como um indivíduo, um casal, uma família dispõe do espaço que lhe é atribuído depende muito da sua visão da vida, dos seus modos de sensibilidade, da natureza das suas relações humanas.

A dimensão espacial aparece como complementar da dimensão temporal. Só se pode entender uma realidade quando se é capaz de a situar no espaço que ela ocupa. Pensar «geograficamente» é uma necessidade. O espaço não é apenas o conjunto dos dados físicos que constituem o nosso planeta, mas a repartição pelo mundo dos dados económicos, políticos e culturais, que constituem o ambiente humano na sua diversidade e multiplicidade. Para o homem moderno, compreender o mundo é condição indispensável para se compreender a si próprio.

## O SUJEITO DA EDUCAÇÃO

A função educativa está tradicionalmente entregue a pessoas para quem a educação é uma profissão, o que é uma via restrictiva do sentido global da educação.

Na perspectiva em que nos situamos, a educação pode — e deve — ser exercida por todas as pessoas que se encontram em situação e têm a capacidade de comunicar uma mensagem ou de exercer uma influência. Entre essas pessoas, em número ilimitado, poderemos citar: os pais, os avós e, duma maneira geral, os membros do meio familiar; o chefe da oficina, o médico, o pároco, o escritor ou o artista; os agentes da comunicação social, responsáveis de um jornal, de

uma rubrica de rádio ou de uma emissão de televisão.

Ao considerarmos a acção educativa como um processo contínuo, como um desenvolvimento progressivo do ser, torna-se evidente que o responsável principal da educação é o próprio indivíduo, simultaneamente sujeito e objecto da sua aprendizagem e da sua formação. O desenvolvimento do autodidactismo, objectivo e instrumento central da educação permanente, torna-se assim cada vez mais premente, tanto mais que o papel do educador formal é sempre temporário e contingente, sobretudo quando o indivíduo é já adulto.

Aprender só, não significa, porém, aprender isolado. As condições mais favoráveis de aprendizagem encontram-se na participação na vida e nas actividades de grupos, cujos membros se apoiam mutuamente, pelo seu exemplo e pelo seu estímulo.

No caso específico de uma pessoa que chegou ao termo da sua vida profissional, a amplitude e a qualidade da sua existência cultural, nas suas diferentes dimensões, depende da maneira como ela tiver desenvolvido a sua capacidade de aprender. Para que as últimas décadas da vida sejam vividas de modo fecundo, é necessário que ela se tenha mantido alerta no pensamento e na realidade, que tenha exercido os seus diferentes poderes de expressão e criatividade, que não se tenha contentado com as respostas feitas que lhe tiverem sido dadas, que não tenha deixado de se espantar e de se maravilhar, de questionar o mundo da natureza e a sociedade dos homens.

Se assim for, estará preparada para viver plena e dignamente de acordo consigo mesmo e em harmonia com os outros.

Paul Lengrand

4.º Fórum internacional para  
uma educação permanente integrada  
Marly-le-Roy, Out. 1986

## SINFONIA INACABADA

*O animal — pode afirmar-se — está já completo. A sua vida é, por assim dizer, apenas a execução de uma sinfonia já composta.*

*O homem, em contrapartida, é uma criação da natureza só meio acabada, é uma sinfonia incompleta. Em compensação, a natureza fez-lhe um dom maior do que o que lhe poderia ter feito com o mais elevado acabamento: deu-lhe uma parte da sua força criadora para que ele possa completar-se a si mesmo.*

*A forma como a sua vida vai configurar-se não*

*está previamente decidida. Nada nele se encontra estabelecido e regulado genericamente: o modo como vai alimentar-se ou reproduzir-se, que tipo de habitação ou de vestuário vai utilizar, que relações sociais vai estabelecer com outros homens, tudo isto, mesmo o mais elementar e o mais necessário, lhe é confiado e só ele pode, de forma inteiramente original, inventar e decidir.*

Michael Landmann  
in «O prazer de pensar»  
Edições 70, 1986

Publicação bimestral. Assinatura anual: 200\$00; estrangeiro: 400\$00. Directora: Maria Teresa Santa Clara Gomes. Inscrito na DCGL com o n.º 106 032.

Propriedade e administração: GRAAL — Rua Luciano Cordeiro, 24, 6.º-A — 1100 Lisboa. Comp. e impressão: Silvas - Coop. de Trab. Gráficos, crl.